

ATHLETICA

Revista de Filosofia do Desporto



ATHLETICA

Revista de Filosofia do Desporto

Volume 01
Março 2025

**(Coord.) Constantino Pereira Martins
Luísa Ávila da Costa**



<https://www.afdlp.org>

In Memoriam

Manuel Sérgio

Querido Amigo e Mestre,
Um abraço fraterno sobre o coração.

FICHA TÉCNICA

Título: ATHLETICA - Revista de Filosofia do Desporto 01

Editor: AFDLP - Associação de Filosofia do Desporto em Língua Portuguesa

Coordenação: Constantino Pereira Martins e Luísa Ávila da Costa

Suporte: Ebook

Formato: Pdf

Design e Paginação: Nuno Maia Vilela

1^a edição: Março de 2025

ISSN: 3051-6633

<https://www.afdlp.org>

NOTA EDITORIAL

ATHLETICA é a revista de Filosofia do Desporto publicada pela AFDLP que visa o desenvolvimento da disciplina e estudos nas suas variantes teóricas, técnicas e práticas. Todas as contribuições de investigação são bem-vindas dentro de um espírito de abertura, qualidade e partilha nas áreas filosóficas da axiologia e ética, estética, fenomenologia, pedagogia, epistemologia, política, etc., bem como por relação à pragmática nas suas diversas modalidades desportivas efectivas ou técnicas particulares. Isso significa que apesar da heterogeneidade e interdisciplinariedade desejada deverá existir uma problematização ou discussão conceptual dentro de uma linha filosófica específica ou do pensamento e reflexão em geral.

A Associação de Filosofia do Desporto em Língua Portuguesa (AFDLP) é uma comunidade de pessoas, entre as quais académicos e da prática desportiva, que contemplam o desporto a partir das questões filosóficas que levanta, considerando-o na sua natureza complexa, simultaneamente global e singular, e procurando por esta via contribuir para o seu desenvolvimento e aprofundamento.

A AFDLP estabelece o seu campo de ação ancorada nos princípios de abertura e acolhimento, honestidade e transparência, na procura pela excelência na investigação e na ação. A sua finalidade é o serviço ao Desporto, através da edificação de um ambiente de partilha de trabalho e conhecimento, que colabore no desenvolvimento, progresso e inovação da Filosofia do Desporto em Língua Portuguesa.

Queremos juntos Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Timor-Leste, Guiné Equatorial, Macau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe além de todos aqueles que, por suas razões, desejarem pensar o desporto em língua portuguesa. Nossa proposta é a de reunir pensamentos e pensadores em torno da Filosofia do Desporto, formando uma Associação capaz de promover encontros, debates, produções de materiais em língua portuguesa a serem divulgados e socializados, num esforço de transferência de conhecimento à sociedade civil. Todos os que se interessam por este campo de conhecimento e estudo são bem-vindos a contribuir e a partilhar, em formato aberto e transparente, as suas pesquisas, investigações e realizações, de forma que possam ser acessíveis a nível global.

Que pensar o Desporto em língua portuguesa seja nosso desejo, nossa referência e nossa busca.



ÍNDICE

01. Pág - 10 a 16

A COMPETIÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO: DA NATUREZA À DIMENSÃO EDUCATIVA E CULTURAL

António Camilo Cunha

Universidade do Minho – Instituto de Educação - CIEC

Zenaide Galvão

Universidade do Minho – Instituto de Educação - CIEC

02. Pág - 17 a 23

O MOVIMENTO INVISÍVEL HUMANO

Valécio Senna

Faculdade CENSUPEG

03. Pág - 24 a 30

SURF COMO TRAVELLING CINEMATOGRÁFICO

Tiago Cravidão

Ifilnova

04. Pág - 31 a 38

A NOVA ONDA DO SURFE BRASILEIRO: REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS DE ATLETAS DA ELITE

Deborah Nimtzovitch Cualhete

PPGICS/ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Ricardo da Costa Padovani

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

05. Pág - 39 a 47

O SURFE, O SELF E A CRÍTICA

Deborah Christina Antunes

UFCA/ Unifesp

06. Pág - 48 a 61

HOLOMOTRICIDADE: PROPOSTA EPISTEMOLÓGICA BASEADA NO PENSAMENTO PARTICIPATIVO E NA CONSCIÊNCIA DA INTEIREZA UNIVERSAL DE DAVID J. BOHM PARA A COMPREENSÃO DO SER-MOVIMENTO

Maurício Teodoro de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEF-UFRN

Luiz Sanches Neto

Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará – IEFEs-UFC – e Programa de Pós-Graduação em
Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEF-UFRN

07. Pág - 62 a 71

A FILOSOFIA DE HENRI BERGSON E O DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Marlon Messias Santana Cruz

Universidade do Estado da Bahia

Ana Gabriela Alves Medeiros

Universidade do Estado da Bahia

08. Pág - 72 a 78

SKATEBOARD: MANOBRAS QUE UNEM ÉTICA E ESTÉTICA

Mário A. B. Marsola

Universidade de São Paulo

Soraia Chung Saura

Universidade de São Paulo

Ana Cristina Zimmermann

Universidade de São Paulo

09. Pág - 79 a 83

CONTRIBUTOS PARA UMA FILOSOFIA DO COMENTÁRIO

DESPORTIVO

Luís Cristóvão

Comentador Desportivo

10. Pág - 84 a 96

ALÉM DA LINHA DE CHEGADA: DESVENDANDO A IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NO ESPORTE POR MEIO DE FOUCAULT E BOURDIEU

Laércio de Jesus Café

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Regina Maria Rovigati Simões

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

11. Pág - 97 a 102

SOBRE A LENTE FILOSÓFICA DA SOLIDÃO: O PAPEL DO PERSONAL TRAINER NA SIGNIFICAÇÃO DA VELHICE PARA ALÉM DA FORMA FÍSICA

Fernanda Cardones

Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP)

12. Pág - 103 a 108

O CORPO ÍNTIMO: UMA RELAÇÃO ENTRE SER E AMBIENTE

Eric Sioji Ito

Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo

Soraia Chung Saura

Escola de Educação Física e Esporte - Universidade de São Paulo

Ana Cristina Zimmermann

Escola de Educação Física e Esporte - Universidade de São Paulo

13. Pág - 109 a 120

O ESPORTE COMO UMA VIA PARA A SATISFAÇÃO DE PULSÕES

Víctor Gabriel Lucas

FEF UNICAMP

“

08

“

SKATEBOARD: MANOBRAS QUE UNEM ÉTICA E ESTÉTICA

Mário A. B. Marsola

Universidade de São Paulo

Soraia Chung Saura

Universidade de São Paulo

Ana Cristina Zimmermann

Universidade de São Paulo

Resumo

O skate é uma prática corporal que, em sua origem, se distancia do conceito estrito de esporte e dialoga intensamente com a arte. Essa aproximação se deve à ênfase no elemento criativo na relação com o ambiente e na elaboração de manobras e truques. Este trabalho tem como objetivo estabelecer uma conexão entre os aspectos éticos e estéticos do skate a partir do diálogo estabelecido entre os skatistas, os equipamentos e o meio ambiente. No início da era do skate a criatividade acontecia na criação de novas manobras e formas de interação do corpo com o equipamento. Atualmente o repertório de truques é extenso, mas a interação com o ambiente ainda proporciona um rico horizonte de novas possibilidades. Alguns skatistas se consideram artistas pelo apreço técnico e pela complexidade na execução de manobras e interações com o ambiente. O skatista vê uma beleza técnica e complexa por trás da beleza visual plástica. As manobras chamam a atenção e surpreendem não só os praticantes, mas também os espectadores. Isso acontece rompendo o padrão do que está no chão, lembrando o elemento terra, e passando para o elemento ar, de forma inesperada e incompreensível para o espectador. Assim, a noção de beleza associada ao andar de skate bem executado se desenvolve a partir do repertório de técnicas e da adaptabilidade ao ambiente. Nas diversas modalidades de skate – do street ao freestyle, do longboard aos halfpipes e bowls – a valorização se dá de forma ampla considerando como o skatista se conecta com o equipamento e o utiliza como uma extensão de si mesmo na relação com o meio ambiente. As interações desse relacionamento com o ambiente circundante destacam a conectividade que deve ser observada com atenção. Este trabalho demonstra que essa conexão com o meio ambiente se dá como forma de diálogo e proporciona a possibilidade de pensar a ética de suas relações. Por outro lado, a possibilidade de identificar a beleza vai além dos elementos técnicos presentes nas manobras. Assim, o skate também reconfigura a noção de esporte, seja na criatividade de suas manobras ou apenas no deslizamento, sentindo o atrito das rodas no chão durante uma curva.

Palavras-chave: skate; filosofia do esporte; fenomenologia; diálogo

Controlar ou conduzir? O skatista parece, aos olhos de quem observa, controlar muito bem o seu equipamento, o skate. Comecemos, portanto, compreendendo a ligação entre os dois: pessoa e skate. É a partir desse diálogo que entenderemos os elementos estéticos e a relação artística dessa prática.

Para começar, a pessoa e o skate podem parecer dois elementos separados. Em um dado momento, principalmente no início da prática do skate em nossas vidas, até mesmo para skatistas, enxergamos tais elementos com o olhar dualista, o que começa como um “relacionamento”, entre pessoa e objeto.

É com o passar do tempo, e principalmente com o tempo de prática e experiência, que mudamos a percepção sobre essa relação. A compreensão de corpo, de forma ampliada, nos auxilia nesta reflexão. Não vemos uma “mente” caminhando por aí sem um “corpo”, portanto ao falarmos a partir da corporeidade (Ales Bello, 2006), uma visão dualista não faz sentido. Por outro lado, uma perspectiva monista (Whitehead, 2010) sugere enxergar o fenômeno como um todo.

A partir disso, podemos entender: ao andar de skate, a pessoa e o objeto não são mais duas coisas separadas, mas sim, uma só composição. Essa unidade é o que chamamos de “skatista”.

Também é importante considerar, como delimitação, que estamos analisando o skatista em sua prática no seu tempo de lazer (Bruhns, 2004) ao invés de enxergar o skate como um artefato utilitário apenas que cumpre um propósito de locomoção. Na verdade, estamos nas margens do utilitarismo, já que o skate não deixa de ser um meio de locomoção, entretanto neste deslocar-se estamos fruindo muito mais do que o utilizando.

Desse ponto de vista, seria inadequado utilizar a palavra “controle” (Santos, 1997) para se referir ao skatista, como alguém que busca determinar as etapas do processo. A prática do skatista é a prática da “condução”. A prática da condução se assemelha muito a uma cambalhota, um salto, uma acrobacia, que no caso do skate chamaremos de manobras. A condução se assemelha a uma dança: conduzimos, interagimos e respondemos ao nosso par, mas de forma alguma, conseguimos “controlar” o que o outro está fazendo ou fará. O máximo que podemos fazer, é buscarmos uma sintonia onde esperamos que certas coisas aconteçam em resposta ao que estimulamos. Dessa forma, também é esperado de nós mesmos uma “devida resposta” ao sermos instigados pela relação do objeto com o ambiente.

Os dançarinos estão nesse constante diálogo. Uma conversa, onde é sempre possível acontecer algo não estipulado previamente pelo contrato (Santos, 1997) dos indivíduos. Quando olhamos, em meio a uma apresentação de dança, sempre estamos enxergando as ações “da dupla” e não do dançarino 1 e do dançarino 2, no caso de performances com pares.

No skate, da mesma forma, não faz sentido olharmos as ações da pessoa e do objeto de maneira isolada. Podemos sugerir que as ações do skatista acontecem como um diálogo (Zimmermann e Morgan, 2011) constante e arriscado regido pelo contrato etéreo e sempre mutável que vai se formando e alterando conforme a prática acontece e a experiência (Bondia, 2002) promove transformações.

Tentaremos então, refletir sobre essa relação, buscando compreender os aspectos estéticos e o diálogo com a arte.

Primeiro, destacamos a corporeidade (Ales Bello, 2006). A corporeidade é o que nos permite interagir com o ambiente e providencia a fundação para o desenvolvimento de diversas capacidades humanas, podendo até mesmo ser chamada de “saber corporal” ou melhor aquilo que está, devidamente, incorporado, que já faz parte do ser. Em relação a este aspecto consideramos os estudos da fenomenologia da percepção (Merleau-Ponty, 2004), valorizando os sentidos e entendendo o corpo como algo indivisível e que é capaz de entender aquilo que sente e se guiar através desses saberes elaborados em relação.

Segundo, temos o risco. O diálogo com o risco é como estar de frente a uma piscina: algumas pessoas irão colocar o pé na água e sentir como está a temperatura, outras irão apenas se jogar, outras talvez nem tentem. O diálogo com o risco é único para cada skatista, sendo assim, cada um terá a sua experiência de risco. Cabe ressaltar, que com o passar do tempo, percebemos que as práticas corporais, principalmente as práticas de aventura e radicais trazem esse elemento cada vez mais forte para a vida do praticante. O risco requer atenção e abertura ao inesperado. O risco, nestes casos, é significante principalmente pelas possibilidades de desafio e sucesso que oferece. (Zimmermann e Saura, 2017). As práticas corporais, principalmente os esportes radicais e de aventura nos remetem a um sentimento primordial: não perder a coragem de viver a vida e sentir suas emoções à flor da pele.

Terceiro, o contrato. O contrato indica a disposição para uma relação que pode se dar de diversas maneiras diferentes. É a partir disso, que já não seremos “pessoa e skate”, mas sim “skatista”. Essa é uma transformação que acontece principalmente através do tempo e da prática. Ou seja, o contrato é também indicativo de algo movimento, que se reafirma constantemente.

Quarto, a experiência. A experiência é única e subjetiva, cada skatista terá tido a sua. Tudo isso, por sua vez, orienta a forma de praticar o skate. Não apenas, mas cada efeito é diferente para cada skatista. Subir em uma calçada pode ser emocionante para alguns, enquanto para outros, apenas uma grande ladeira e uma alta velocidade os satisfaz.

Independentemente do nível de prática, a experiência de andar de skate sempre trará elementos que tocam o skatista. Entretanto, tais elementos são diferentes de pessoa para pessoa.

Para tais análises, entremos no universo da estética. Neste caso, não podemos nos confundir com “aquilo que é bonito” apenas, mas sim “aquilo que nos toca” (Mumford, 2014). Nem sempre, o bonito é tocante e vice-versa. Até para não cairmos na armadilha de nos perguntarmos “o que é bonito” já que aqui nesse cenário o gosto pessoal poderia tomar conta da discussão.

Quando falamos de estética, falamos daquilo que nos toca, muitas vezes, sem sabermos o porquê em um primeiro momento. No entanto, quando se trata do skate podemos considerar alguns elementos como: o desafio, o risco, a plenitude (Marsola & Zimmermann, 2019,) e a forma, a leveza e a quebra de padrão (Gumbrecht, 2007).

O desafio é, se assim podemos dizer, a forma pela qual o skatista busca muitas vezes estabelecer o seu diálogo com o risco. Enquanto seres humanos, sentimos emoções, que de uma certa forma, nos tocam. Assim, o risco é um elemento ligado ao medo. Mas, também à percepção sobre como podemos superar desafios. É, portanto, um elemento importante para o skatista, que pode orientar sua prática, e suas manobras, em relação ao risco frente ao qual se coloca. A relação com o risco se dá a fim de provocar possibilidades de superação.

Tudo isso para que, de alguma forma, o skatista alcance sua plenitude, perceba-se inteiro e pleno em uma prática com a qual se identifica. Seja após uma manobra, ao descer de uma rampa, ao se jogar em uma piscina vazia, descendo ladeiras em velocidades que se equiparam a carros... Os desafios são inúmeros, até mesmo infinitos, no entanto, a plenitude se encontra lá: em uma disputa com a frustração mobilizadora, ao final do desafio.

Ao falarmos das manobras podemos introduzi-las como um “momento de tudo ou nada”. São pouquíssimas as manobras que podem ser controladas em meio a sua execução como falamos anteriormente. Portanto, ao ser executada, ou a manobra começa e termina certa, ou está fadada a dar errado e o skatista terá que lidar com isso em meio a imprevisibilidade do que acontecerá. Esse momento de “tudo ou nada” se estreita com o desafio e o diálogo com o risco, tornando-se um elemento estético genial (Lacerda & Mumford, 2010), pois é essa genialidade de conduzir o skate de formas inusitadas que toca praticantes e espectadores.

A forma, a leveza e a quebra de padrão são elementos, “mais visíveis”. O desafio, o risco e a plenitude, são sensíveis ao praticante, podendo ser imaginados, especulados pelos olhos externos. Essa perspectiva muda ao falarmos desses três elementos estéticos visuais.

Para o skatista, pouco é visto daquilo que se está fazendo, entretanto, muito é sentido. Sempre ao vermos vídeos próprios do que estamos fazendo, é recorrente se deparar com a resposta “não era o que estava na minha imaginação” ou “como meu corpo está diferente do que eu pensava” ou até mesmo “não sabia que era assim que acontecia”. Uma vez que a perspectiva do skatista é muitas vezes a do olhar para a frente, para não perder o foco no que está adiante, ou no máximo um rápido olhar para baixo para conferir se tudo está certo, contamos com a “imaginação” do que estamos fazendo muito mais do que a visão daquilo que está sendo feito.

Mas é dessa forma, que o skate brilha muito mais para os observadores. Esses que estão vendo de fora o que está acontecendo, contemplam a plasticidade do skatista. Uma forma que não é vista pelo praticante, mas que, quando vista por um observador externo, é brilhante e se destaca. Faz barulho, surpreende, se move justamente, de uma forma não imaginada.

A leveza se mostra junto desses momentos, mas normalmente, se mostra mais em praticantes mais experientes. Sobre a leveza não nos referimos apenas a noção de algo com pouco peso, mas também, algo que parece exigir pouco esforço, effortless. Esse elemento, parece se destacar muito através do refinamento, da prática constante e consistente, podendo ser vista nos skatistas profissionais por exemplo. Aparentemente eles não estão tentando algo, estão apenas fazendo, de forma leve e fluida.

A quebra do padrão vem do elemento ritmo (Kupfer, 1995). O skate pode ter um ritmo em sua prática, mas por ser uma disciplina caótica onde muita coisa pode acontecer e mudar a qualquer momento, preferimos enxergá-lo muito mais como uma atividade não rítmica, na grande maioria do tempo. Em alguns breves momentos, é possível identificar um ritmo, mas que logo se quebra, ao vencer ou ser derrotado por um obstáculo, ao fazer uma curva, mudar o percurso, fazer uma manobra ou diversos outros acontecimentos.

Não podemos nos ater ao ritmo em seu sentido temporal apenas, pois no skate, o ritmo do solo e o ritmo do ar são muito distintos. A principal quebra de padrão que vemos como elemento estético é essa quebra de ritmo gerada pela mudança do elemento terra (Bachelard, 2008), mais firme e estável governado pelo atrito, para o elemento ar (Bachelard, 1997), um fluido, que liberta o skatista das mãos da terra que tentam agarrá-lo a todo momento.

Tal mudança, do estável para o instável, do chão para o ar, parece ser o mais brilhante dos elementos estéticos do skate. Surpreendentemente, não era para ele estar ali. Nada mais, nada menos, que um grande símbolo da rebeldia e audácia dos skatistas que sempre confrontam o pré-determinado.

Por fim, gostaríamos de destacar um último elemento estético importantíssimo para nossa compreensão: o estado de flow, também conhecido como “a zona” (Csikszentmihalyi, 1975). Esse estado de super consciência (Breivik, 2013) chama a atenção. A tranquilidade em meio ao caos (Lins, 2008) do skatista é um dos fatores estéticos mais surpreendentes e misteriosos. Ao nos questionarmos: como pode alguém manter tamanha calma em meio a uma circunstância tão caótica? Podemos ver que, mesmo sem termos uma resposta, a própria pergunta já se faz fascinante. Para os skatistas, esse é o momento de plenitude, por conta disso, provavelmente pelo contraste emocionante gigantesco, apreciamos esse estado e esse momento como algo que nos toca.

Sendo assim, o skate, foge das noções estritas de esporte e dialoga fortemente com a arte, pois a partir de tudo isso o skatista é capaz de construir o seu traço, o seu próprio estilo. Uma vez que, com o passar à prática, o atravessamento

das experiências e o entendimento sobre si mesmo enquanto corpo skatista indivisível, os skatistas se encontram felizes, mas raramente satisfeitos.

Tamanha complexidade das formas, dos padrões, junto de todas as infinidas possibilidades do que pode ser feito, traz ao skatista um “tema de estudo”. Algo que deve ser entendido, para que ele encontre sentido. Um sentido para o qual ele queira estar direcionado em sua prática enquanto, não apenas praticante, mas agora também artista.

O diálogo com a arte acontece através desse processo expressivo de entendimento e até mesmo estudo sobre o tema, seja teórico ou prático. Uma vez entendido, o skate passa a trazer outras noções consigo. O que era simples, parece não ser tanto. O que era complexo, parece por vezes se tornar mais simples. Isso acontecerá de forma subjetiva, no entanto é muito comum esse despreendimento de um cenário leigo para um cenário experiente, haja visto que para tal o skatista necessita de suas experiências para dialogar com a arte e cada vez mais.

Para o skatista, o erro não é uma falha, mas sim, parte do processo criativo que muitas vezes abre brechas para algo novo, algo que, se não fosse um deslize, nunca teria sido pensado anteriormente. Trata-se de uma pedagogia muito simples e rudimentar, que traz consigo muitos valores para a vida e que podemos observar nos discursos dos praticantes em frases como “o skate me ensinou a cair e levantar”.

Por fim, destacamos um elemento estético muito importante: o elemento social e cultural. O skatista, acaba por se destacar social e culturalmente, não apenas por carregar um skate. Poderíamos falar de suas vestimentas, tênis próprio para a prática que acaba sendo usado para outras situações e outros elementos estéticos que não deixam de ser importantes. Entretanto não quero fazer deste um trabalho que termina criando mais um estereótipo de skatistas. Na verdade, quero destacar, enquanto pesquisador e skatista, valores e características muito pouco observadas e valorizadas pelas pessoas, que no fim, fazem do skatista, quem ele realmente quer ser.

Antes mesmo de se vestir, ter um tênis apropriado, ou até mesmo ter um skate, inerente à prática, o skatista é ele. Se declarar skatista é quebrar uma barreira. Muitas delas, na verdade. É vencer a preocupação dos pais. É assumir aquilo que gostamos e que por mais diferente que seja, nos faz bem e nos torna plenos. É lidar com o preconceito de uma visão antiga e desatualizada de que “somos baderneiros”, para não falar coisas piores. É trabalhar a empatia, se colocar no lugar do outro, pois, ao andar de skate na rua, nenhuma lataria nos protege e é contar com o bom senso, educação e cidadania.

Ser skatista é muito além das manobras radicais, das altas velocidades, das curvas derrapantes. É ser uma pessoa melhor, que aprende com os erros, se esforça, sabe que não existem caminhos mais fáceis quando se trata de alguns assuntos. É estar aberto, fazer amigos, ajudar os outros, dar conselhos. Cuidar e querer o bem de quem você gosta e dos outros ao seu redor. Sob essa perspectiva pessoal, construída a partir da experiência com o skate, é possível destacar o elemento agregador entre skatistas. A tribo (Maffesoli, 1998) dos skatistas é linda, e tende a ser cada vez mais com o passar do tempo. Claro, somos diferentes. Sabemos disso. Gostamos disso. É por isso que andamos de skate. É por isso que nos identificamos como skatista e pertencentes a essa tribo social, que pode ter um jeito de se vestir e agir ou não, o que quero valorizar não é isso, mas sim, tudo o que fica, mesmo que o skatista pare de andar de skate... Ele não deixa de ser skatista por conta disso!

É dessa forma então, que sustentamos que o skate é uma arte. Sua potência expressiva se manifesta de muitas formas. E claro, cair faz parte, como no dito popular dos praticantes. É através desse processo, desses e muitos outros elementos que a arte de andar de skate é feita, perpetuada e melhorada e esperamos que esse trabalho, em construção, seja dessa forma também.

Dedicado a todos os skatistas que estão aí, descobrindo a si mesmos e tornando-se pessoas melhores.

Bibliografia

Ales Bello, A. (2006) *Introdução à Fenomenologia*. Bauru: EDUSC.

Bachelard, G. (1997) *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria* / Gaston

Bachelard; tradução Antonio de Pádua Danesi - São Paulo: Martins Fontes, Coleção tópicos.

Bachelard, G. (2008) *A terra e os devan eios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes.

Bondia, J. L. (2002) *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, n.19, p. 20-28, ja/fev/mar/abr.

Breivik, G. (2013) *Zombie-Like or Superconscious? A Phenomenological and Conceptual Analysis of Consciousness in Elite Sport*, Journal of the Philosophy of Sport, 40:1, 85-106, 2013 DOI: 10.1080/00948705.2012.725890.

Bruhns, H. T. (2004) *Explorando o lazer contemporâneo: entre a razão e a emoção*. Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 10, n. 2, p.93-104.

Csikszentmihalyi, M. (1975) *Beyond boredom and anxiety*, czetitumilhay, M.

Gumbrecht, H.U. (2007) *Elogio da beleza atlética* / Hans Ulrich Gumbrecht; tradução de Fernanda Ravagnani. – São Paulo: Companhia das letras.

Kupfer, J. H. (1995) *Sport – The Body Electric* In: WILLIAM J. M., KLAUS V. M. (Editores). *Philosophic inquiry in sport*.

Lacerda, T. O.; Mumford, S. (2010) *The Genius in Art and in Sport: A contribution to the Investigation of Aesthetics of Sport*, Journal of the Philosophy of Sport 37.

Lins, D. (2008) *Nietzsche/Deleuze: jogo e música*: VII Simpósio Internacional de Filosofia,

2006/organizadores Daniel Lins, José Gil. - Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo.

Marsola, M.A.B.; Zimmermann, A.C. (2019) *Desafio e plenitude: um olhar fenomenológico sobre o surf*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Bacharelado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte - USP.

Maffesoli, M. (1998) *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Merleau-Ponty, M. (2004) *Conversas - 1948*: organização e notas de Stéphanie Ménasé; tradução Fabio Landa, Eva Landa - São Paulo, Martins Fontes, Coleção tópicos.

Mumford, S. (2014) *The Aesthetics of Sport*, In: TORRES, C. R. (Editor). *The Bloomsbury Companion to the Philosophy of Sport*.

Santos, F. C. (1997) *Controle e contrato: duas formas de relação com a alteridade*.

Whitehead, M. (2010) *Physical Literacy: Throughout the Lifecourse (Routledge Studies in Physical Education and Youth Sport)* 1st Edition.

Zimmermann, A.C.; Morgan, W.J. (2011). *Possibilities and consequences of understanding play as dialogue*. Sport, Ethics and Philosophy, v. 5, p. 46-62, 2011.

Zimmermann, A.C.; Saura, S.C. (2017) *Body, environment and adventure: experience and spatiality*. Sport, Ethics and Philosophy, v. 11, p. 155-168.